



miguilim

revista eletrônica do netfli

volume 7, número 1, jan.-abr. 2018

“WIE ZWEI PERFEKT INTEGRIERTE VORZEIGEAUSLÄNDER”: FIGURAÇÕES DO ESTRANGEIRO, EM OLGA GRJASNOWA



“WIE ZWEI PERFEKT INTEGRIERTE VORZEIGEAUSLÄNDER”: FIGURATIONS OF FOREIGNERS IN OLGA GRJASNOWA

Dionei MATHIAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 10/02/2018 • APROVADO EM 12/04/2018

Resumo

Um dos objetivos inscritos no romance *Der Russe ist einer, der Birken liebt*, escrito pela vencedora do Prêmio Adelbert-von-Chamisso, Olga Grjasnowa, e publicado em 2012 é a representação do estrangeiro. Nessa figuração, o leitor encontra um movimento que desconstrói o orientalismo e oferece resistência à representação do outro como imaginado pelo grupo hegemônico. Nesse sentido, este artigo pretende discutir a figuração do estrangeiro e sua percepção da prática cultural, sua inserção no novo contexto social e a problematização da língua.

Abstract

One of the aims inscribed in the novel *Der Russe ist einer, der Birken liebt*, (*All Russians Love Birch Trees*, 2014, English translation by Eva Bacon) written by the Adelbert-von-Chamisso-Prize winner Olga Grjasnowa and published in 2012 is the representation of foreigners. In this figuration, the reader finds a movement that deconstructs the orientalism and resists the representation of the other as imagined by the hegemonic group. Thus, this article aims to discuss the figuration of foreigners and their perception of the cultural praxis, their insertion in the new cultural context and the problematization of language.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Olga Grjasnowa. *Der Russe ist einer, der Birken liebt*. Figuração. Estrangeiro. Resistência.

KEYWORDS: Olga Grjasnowa. *Der Russe ist einer, der Birken liebt*. Figuration. Foreigner. Resistance.

Texto integral

Introdução

Olga Grjasnowa começa a aprender alemão como língua estrangeira em 1996, com quase doze anos, quando seus pais emigram do Azerbaijão e se assentam na Alemanha. Mulher, judia, estrangeira: esses são alguns dos vetores que compõem a identidade pessoal da autora e são esses alguns dos eixos que formam a estrutura do romance – com fortes elementos autobiográficos – *Der Russe ist einer, der Birken liebt* (*O russo é alguém que ama bétulas*), publicado em 2012 pela editora Hanser. Condecorada com o Prêmio Adelbert-von-Chamisso – concedido a autores imigrantes ou filhos de imigrantes na Alemanha – em 2015, a autora tem sua voz como escritora e estrangeira destacada, juntando-se ao coro daqueles que constroem a imagem do estrangeiro no imaginário cultural de expressão alemã.

O posicionamento sociocultural, a partir do qual Grjasnowa escreve é complexo e múltiplo. Cada um dos três vetores mencionados – mulher, judia, estrangeira – traz implicações específicas para o processo de interação social e de reflexão intelectual. Em sua produção literária, a autora discute essas interseções, refletindo sobre seus impactos para cada uma das identidades parciais. Este artigo pretende focar no terceiro vetor, a saber, a figuração da condição de estrangeiro e suas implicações para o posicionamento social. Nos Estudos Literários alemães, o estrangeiro e sua figuração tem recebido especial atenção na formatação discursiva que vem sendo denominada de Literatura Chamisso.

Certamente é problemático transferir as reflexões pós-coloniais, que em grande parte fundamentam as discussões desse campo literário, para o contexto alemão, sem levar em consideração as especificidades de sua formação discursiva. Embora a Alemanha também tenha uma história de políticas imperialistas no continente africano, a origem e a configuração social dos estrangeiros nesse país é diferente daquela de seus vizinhos. Assim, em grande parte o contingente de estrangeiros que, no pós-guerra, foi para a Grã-Bretanha ou para a França são cidadãos de países colonizados por essas potências imperialistas. Antes de emigrar, a grande maioria deles já tinha conhecimento da língua e da cultura, nas quais desejavam se estabelecer.

O que a Alemanha teve em comum com esses dois países foi a necessidade de mão de obra para suprir as demandas do mercado, diante do crescimento econômico após o final da guerra. Desse modo, foram contratados trabalhadores da Turquia, Iugoslávia, Grécia, Espanha e de outros países, dentre os quais, contudo, a grande maioria não tinha domínio da língua alemã nem conhecimentos sobre a cultura da sociedade onde iriam trabalhar. Como nos contextos britânico e francês, o processo de apropriação desses conhecimentos dependeu do capital cultural que cada imigrante trouxe consigo. Apesar dessas diferenças na configuração do grupo de imigrantes, me parece ser possível identificar alguns paralelos teóricos.

Assim, a escrita de resistência como conceito básico desenvolvido por Ashcroft, Griffiths e Tiffin (2005) é aplicável também no contexto da literatura minoritária de expressão alemã, mas obviamente não como um movimento de resistência de um povo colonizado ao poder imperialista, mas sim na configuração centro e periferia ou no embate entre configurações minoritárias e majoritárias. Muitos textos que se enquadram na literatura Chamisso discutem a questão da resistência, produzindo obras que primeiramente imaginam o estrangeiro e suas formas de interação no espaço hegemônico, mas ao mesmo tempo, contestam a produção discursiva e o orientalismo (SAID, 1994) em volta desse grupo social.

Nisso, a tematização do lugar da fala tem um papel de destaque, já que define o modo como o indivíduo vai participar da construção de uma voz e de um discurso de identificação entre as vozes bastante diversas que compõem esse grupo. Embora a etiqueta “literatura Chamisso” não possa ser considerada uma forma de organizar uma voz política como é o caso da “black literature” na Grã-Bretanha (BRAH, 1996, p. 99), ela ajuda a desenhar os contornos que permitem visualizar o lugar da fala de um grupo, cuja voz representa em muitos outros aspectos também grupos minoritários. A criação de laços de identificação e solidariedade certamente não é um processo com poucas dificuldades, dificuldades estas que já começam no momento de definir por exemplo os critérios para a concessão do Prêmio Adelbert-von-Chamisso, como expõe Esselborn (2004, p. 320). Com efeito, os contextos culturais, geracionais e linguísticos parecem ser diversos demais para encontrar um elo que liga os diferentes atores. Contudo, por mais precária que essa solidariedade seja, ela tem um impacto de peso na configuração dos diversos discursos sociais, incluindo aqueles que fundamentam a Germanística.

A literatura negra na Grã-Bretanha não é escrita somente por negros, e a literatura Chamisso não é escrita somente por autores cujo foco é a imigração, mas ambas as formatações discursivas condensam uma voz que, desse modo, tem chances maiores de ser ouvida. Quando vozes como as de Hanif Kureishi ou de Feridun Zaimoglu, que não precisam mais se inscrever nesse agrupamento, diante do grande sucesso de suas obras, se juntam a esse projeto político cultural, as chances de desencadear processos de percepção e alteração no espaço social são maiores. Não é possível afirmar que todos os autores que apresentam filiações interculturais queiram produzir uma escrita de resistência e uma contracultura com a contestação do orientalismo em volta do estrangeiro, mas mesmo não havendo uma mobilização política, muitos textos produzidos por esses autores ajudaram a dar voz e mudar a imagem do estrangeiro no espaço cultural alemão.

A resistência e a contestação do orientalismo passam, antes de mais nada, pela representação autônoma do estrangeiro e de seus desafios na apropriação das novas narrativas culturais, mas também na afirmação de sua diferença e dos desafios que esta impõe. Num importante artigo sobre a literatura de imigração, White (1995, p. 3) escreve:

A common feature of many migrants and migrant cultures is ambivalence. Ambivalence towards the past and the present: as to whether things were better 'then' or 'now'. Ambivalence towards the future: whether to retain a 'myth of return' or to design a new project without further expected movement build in. Ambivalence towards the 'host' society: feelings of respect, dislike or uncertainty. Ambivalence towards standards of behaviour: whether to cling to the old or to discard it, whether to compromise via symbolic events whilst adhering to the new on an everyday basis.¹

O discurso literário, muitas vezes, é o canal, no qual essa ambivalência é representada e discutida, mostrando as inúmeras interseções que compõem a realidade do estrangeiro e de sua concretização existencial no novo contexto cultural. No romance de Grjasnowa, essa ambivalência está presente, sempre acompanhada de um movimento subversivo de resistência e de revisão discursiva. Nesse sentido, este artigo pretende discutir a percepção da prática cultural, a inserção no novo contexto social e a problematização da língua.

1 Percepções da prática cultural

Maria Kogan, a jovem judia que emigra do Azerbaijão para a Alemanha, se revela como uma observadora perspicaz, que identifica com rapidez as contradições e arbitrariedades na percepção e representação de estrangeiros. Como protagonista e voz autodiegética, ela conduz a narrativa focando sua atenção

em diferentes aspectos do encontro das culturas. O primeiro capítulo ainda está escrito num tom leve, expondo num tom pícaro o cotidiano de sua vida com Elias, seu namorado alemão. O posicionamento político e sexual emancipado da protagonista e o diálogo aberto entre o casal parece sugerir uma existência longe das atribulações de pertencimento, submissão e silenciamento que tantas vezes configuram a realidade do estrangeiro.

Contudo, já nesse primeiro capítulo, a narradora também indica a presença da temática da imigração no seu cotidiano. Assim, numa conversa com Elias, a questão do pertencimento cultural vem à tona por conta do uso descuidado de uma palavra desse campo semântico por parte dele, o que imediatamente desencadeia uma reação de refreamento na voz narrativa. Com efeito, ele pergunta se precisa de uma “história de migração” (*‘Migrationshintergrund’*) para poder ir jogar futebol, o que a coloca num posicionamento ofensivo, com o objetivo de imediatamente buscar o controle da produção discursiva nesse contexto íntimo, mostrando um alto grau de envolvimento afetivo por parte dela:

Benutzt du wieder dieses Wort? Ich versuchte möglichst ironisch zu klingen, aber es gelang mir nicht. Immer wenn ich dieses Wort las oder hörte, spürte ich, wie mir die Gallenflüssigkeit hochkam. Schlimmer wurde es lediglich beim Adjektiv *postmigrantisch*. Vor allem hasste ich die damit zusammenhängenden Diskussionen, nicht nur in der Öffentlichkeit, sondern auch zwischen mir und Elias. In diesen Gesprächen wurde nie etwas Neues gesagt, aber der Ton war belehrend und vehement. (GRJASNOWA, 2012, p. 12, *itálico no original*).²

A passagem revela o quanto a protagonista está envolvida nas discussões que têm lugar na sociedade de acolhimento. Nisso, ela não se restringe somente a tomar conhecimento daquilo que se pensa e se escreve sobre o agrupamento social, ao qual ela pertence na visão dessa organização discursiva, ela também se posiciona frente a terminologia utilizada no espaço social, oferecendo resistência àquilo que tenta se impor. O que desencadeia seu profundo envolvimento emocional parece residir na vacuidade e indiferença que caracterizam aqueles que definem a fala, isto é, uma fala cujo objetivo reside em ser ouvida e assumir a liderança da discussão, mas não em resolver de fato o que está sendo discutido.

Comum às duas palavras – história de migração e pós-migrante – é o afincamento de criar linhas demarcatórias, impondo o princípio da diferença como crivo de percepção social. As duas palavras sugerem que o grupo social do qual se fala já fincou raízes no novo espaço social, mas no lugar da reformulação do imaginário nacional em direção à inclusão do outro, o foco permanece na estrangeirização do outro. Uso o termo estrangeirização em analogia a termos semelhantes como racialização, etnização, cujo objetivo é criar marcos de diferença para manutenção das práticas de exclusão. Em algum momento a voz narrativa menciona que detém a cidadania alemã, o que também é o caso de seu amigo de origem turca que tem

experiências semelhantes, porém, em muitas situações da concretização existencial cotidiana ela continua sendo estrangeira.

Dada sua sensibilidade linguística, ela oferece resistência toda vez que alguém usa indiscriminadamente termos com implicações políticas, mesmo que o interlocutor não tenha consciência das dimensões discursivas que determinadas palavras apresentam. O discurso que cria os termos para discutir a situação desse agrupamento social, contudo, não tem o envolvimento afetivo necessário para pensar por novas linhas de inclusão. Diante disso, a resistência acontece primeira e mais intensivamente frente àqueles que apresentam laços afetivos com a protagonista.

Enquanto no círculo íntimo, a problematização dessa polêmica parece ser mais viável – ao menos no contexto em que a voz narrativa se encontra – em círculos sociais mais amplos ela se torna ainda mais complexa e menos passível de apoio solidário. Como aluna de uma escola de ensino médio que prepara para as universidades, ela primeiramente representa uma grande exceção, já que são poucos os estrangeiros ou filhos de estrangeiros que conseguem chegar nessas escolas. De fato, ela só consegue permanecer nessa instituição, por conta de muita determinação, pois os professores se mostram pouco dispostos a lhe conceder chances, especialmente no começo quando seu alemão ainda tem uma clara coloração estrangeira (GRJASNOWA, 2012, p. 38). Também o acesso e a permanência no setor educacional passam pela estrangeirização.

Nesse contexto, ela vivencia uma discussão, onde se fala da extradicação de um homem de origem turca. Segundo a voz narrativa, a pessoa em questão nasceu na Alemanha, foi socializada em suas instituições e se transformou em criminoso nesse contexto. Na discussão sobre o índice de criminalidade entre estrangeiros, há consenso unânime entre alunos e professora de que criminosos pertencentes a esse grupo devem ser extraditados. A protagonista percebe as contradições e a arbitrariedade nesse processo de administração de responsabilidades, marcado pela indiferença, mas no lugar de argumentar, ela opta pela violência, o que resulta em sua expulsão. No contexto da escola, mais tarde também na universidade, onde ela percebe a superficialidade do suposto multiculturalismo do professor (GRJASNOWA, 2012, p. 33), a protagonista se vê confrontada com o constante perigo do silenciamento institucional. Ela precisa administrar suas emoções diante da gritante ausência de conhecimento sobre a questão do estrangeiro e se adaptar às regras do jogo, enquanto não tiver um forte suporte social que amenize os impactos da exclusão.

Nesses contextos institucionais, seu potencial de resistência está claramente limitado, dado o desequilíbrio de poder. Em outras situações, por exemplo na séria instituição de separação do lixo, ela quebra as regras, como forma de desobediência (GRJASNOWA, 2012, p. 29) ou, num movimento contradiscursivo na exposição de mulheres muçulmanas que usam o véu, ela inscreve imagens positivas, criando um imaginário de simpatia em volta da mulher estrangeirizada (GRJASNOWA, 2012, p. 118). Com isso, ela adota outros crivos de apropriação cultural, mantendo um olhar crítico sobre as práticas existentes no espaço social e exercendo resistência onde há tentativas de silenciamento.

2 Inserção no novo contexto cultural e problematização da língua

A transferência de um espaço cultural para o outro demanda do indivíduo aprender as novas formas de comunicação e ação, por um lado, e relativizar o uso de práticas que até então pareciam a norma no seu contexto original. A mudança do Azerbaijão para a Alemanha não se difere nisso. Tanto para a protagonista como para seus pais o novo contexto cultural os coloca diante de desafios que exigem deles a apropriação de conhecimentos culturais e, sobretudo, de estratégias de resistência às práticas de silenciamento ou imposição de práticas majoritárias. Assim, a mãe da protagonista precisa readaptar seu modo de conceber a prática docente ao adentrar o mercado de trabalho alemão:

Auch sie hatte am Anfang Schwierigkeiten mit dem neuen System: Ausgebildet an einem sowjetischen Konservatorium, hatte sie professionelle Standards, hinter die sie nicht zurückkonnte. Als der Vater einer ihrer ersten Schülerinnen, ein Priester, sich bei ihr beklagte, der Musikunterricht würde seiner Tochter keinen Spaß bereiten, bekam meine Mutter Herzrasen und schwitzige Hände. Sie hatte bis dahin nicht gewusst, dass Spaß der Zweck der Kunst war. Vor allem von einem Priester hatte sie so etwas nicht erwartet. (GRJASNOWA, 2012, p. 26).³

Socializada nos padrões soviéticos, a mãe entende que a dedicação à arte deve ser incondicional, representando um objetivo maior, no qual a manutenção do prazer pessoal tem importância secundária. Isto é, trata-se de uma ideologia, na qual os parâmetros estatais se sobrepõem aos individuais, obliterando projetos de cunho particular. No novo contexto, ela se vê confrontada exatamente com o movimento inverso, onde a força de imposição do estado apresenta menos poder que a realização pessoal. Obviamente nenhum dos dois contextos podem ser vistos nessas categorias dicotômicas e totalizantes, porém, esse é o crivo, com o qual ela interpreta sua realidade. Confrontada com o imperativo do mercado, ela precisa adaptar suas práticas, a fim de garantir seu acesso a recursos econômicos. Por outro lado, no entanto, ela não o faz sem exercer crítica àquilo que ela encontra, comparando os dois sistemas e negando-se a adotar uma posição subalterna. Nisso, ela processa a diferença cultural e a integra em sua prática de ação, a fim de garantir uma concretização existencial nas novas coordenadas.

Ao contrário dela, o pai tem menos êxito nesse processo de transição e readaptação cultural. Enquanto ela vai em busca dos diferentes capitais (BOURDIEU, 1983) necessários para a concretização existencial, ele, de certo modo, se acomoda, evitando um confronto com as novas práticas culturais:

Deutschland hatte für meinen Vater keine Verwendung. In seinem sozialen Sibirien trug er Jogginghosen und Feinrippunterhemden,

die im Englischen *wife beater* heißen, was allerdings nichts mit ihm zu hatte. Vater hatte aufgegeben, von einem Tag auf den anderen. Er freundete sich nicht mit anderen Menschen an, ging kaum aus dem Haus, nur manchmal, um an den Tankstellen die Benzinpreise zu vergleichen. (GRJASNOWA, 2012, p. 53).⁴

A diferença do seu comportamento em relação àquilo que a mãe realiza reside primeiramente na aquisição de capital social. Ela não desiste, por mais que as práticas sociais a confrontem com experiências desagradáveis. Ele, por sua vez, evita esse processo de negociação, temeroso do não reconhecimento da rede simbólica que caracterizava sua narrativa identitária no antigo espaço cultural. Atrelada à ausência do capital social, também se encontra a dificuldade de obtenção de capital econômico, restringindo, portanto, ainda mais as chances de inserção e adaptação na sociedade. Ao limitar-se à manutenção das práticas culturais de seu país de origem, a figura paterna praticamente não chega à sociedade de acolhimento, pois não há negociação de sentidos nas interações com os nativos. Por mais que essa interação esteja marcada pelo não reconhecimento das práticas culturais do outro, pelo silenciamento e pela imposição de visões hegemônicas de mundo, é ela que permite ao estrangeiro desencadear processos de alteração nos modos de enxergar sua presença nas novas coordenadas culturais. Nesse importante projeto de afirmação da própria voz, o pai fracassa.

Enquanto a mãe se adapta e o pai se esquia das novas configurações culturais, a protagonista e filha, tendo sua formação e grande parte de sua socialização no novo país, ela se apropria dos instrumentos necessários para participar da sociedade e vai além, buscando mudá-la. Central nesse projeto de inserção é a língua. Para a protagonista, as línguas estrangeiras acabam se tornando uma ferramenta indispensável para o seu trabalho de tradutora e intérprete. Seu êxito na universidade, mais tarde, lhe abre as portas para um importante trabalho em Israel e, ao final do romance, à prova de seleção nas Nações Unidas.

Ao longo de todo o texto, a voz narrativa revela sua sensibilidade linguística em diversas situações: ao refletir sobre traduções de palavras inusitadas do alemão para os outros idiomas que estuda, por exemplo na palavra *wife beater* na citação acima; ao inverter usos de palavras com conotações polêmicas, como por exemplo, ao falar que os olhos da enfermeira enraivecida que atende seu namorado no hospital estão ardendo de modo fundamentalista (GRJASNOWA, 2012, p. 20) ou ao experimentar com palavras a fim de usá-las posteriormente, como o faz num dos episódios iniciais com a palavra quiche (GRJASNOWA, 2012, p. 11). Em todos esses exemplos, a protagonista se revela como alguém que tem muito prazer na complexidade da língua e nas suas possibilidades de concretização semântica, transformando-a num elemento central de sua autopercepção.

Apesar do seu grande empenho linguístico, não raramente outros interlocutores traçam linhas demarcatórias. Assim, na visita ao hospital, os parceiros de quarto de seu namorado a elogiam por seu alemão, mas não sem colocá-la no grupo de emigrantes russos (GRJASNOWA, 2012, p. 18) ou o professor universitário que chama a atenção para o fato de não ser falante nativa

(GRJASNOWA, 2012, p. 32). Essas linhas demarcatórias ficam ainda mais visíveis no Departamento de Imigração: “Ich begleitete meine Eltern auf das Ausländeramt und lernte dort, dass Sprachen Macht bedeuteten. Wer kein Deutsch sprach, hatte keine Stimme, und wer bruchstückhaft sprach, wurde überhört. Anträge wurden entsprechend der Schwere der Akzente bewilligt” (GRJASNOWA, 2012, p. 37)⁵. Ao contrário das outras interações, nas quais a balança do poder não era tão desequilibrada, no trato com as instituições surgem verdadeiros muros que separam atores sociais.

Diante da discrepância de poder, o qual limita em muito a circunferência da ação, a protagonista adota o tom irônico. Assim, num diálogo com seu amigo, cuja família é de origem turca, ela escreve: “Wir sprachen deutsch miteinander, wie zwei perfekt integrierte Vorzeigeanländer” (GRJASNOWA, 2012, p. 57)⁶. O enredo do romance sugere que a protagonista enxerga as exigências de integração, como vistas pelo grupo hegemônico, com suspeitas, questionando se o domínio da língua e o respeito às normas da cultura hegemônica realmente são suficientes para que também o estrangeiro seja respeitado, com suas diferenças. O domínio da língua não representa uma garantia de acolhimento e aceitação, mas se revela como uma importante ferramenta de subversão e de resistência.

Considerações finais

No processo de figuração do estrangeiro, Grjasnowa aborda conflitos centrais que marcam o processo de transição de uma sociedade à outra, assumindo a responsabilidade de um contradiscurso, cujo objetivo reside em ampliar a representação do estrangeiro e, sobretudo, lhe conceder uma voz própria na formatação discursiva. Nesse movimento, há uma revisão da prática do orientalismo e um ímpeto de resistência ao poder hegemônico. Ao mesmo tempo, abre importantes dimensões para a reflexão sobre a inserção do estrangeiro não somente no imaginário nacional, mas também na concretização cotidiana de interações entre atores sociais.

O processo de revisão começa pelas percepções das práticas culturais, especialmente no modo como os discursos em volta do estrangeiro estão organizados. A protagonista oferece resistência ao uso de palavras que apagam a complexidade da experiência do estrangeiro e questiona o modo como diferentes instituições discutem sua presença, identificando o princípio da estrangeirização como mecanismo central no processo de comunicação. Diante desse panorama, a inserção não acontece sem conflitos, exigindo estratégias diversas para obtenção dos capitais necessários. Nisso, a protagonista se destaca não somente pelo acesso a uma formação que lhe possibilita participar integralmente da sociedade, mas sobretudo pela aquisição de um domínio linguístico que lhe permite subverter representações unilaterais.

Notas

¹ Uma característica comum de muitos migrantes e muitas culturas migrantes é a ambivalência. Ambivalência em relação ao passado e ao presente: se as coisas eram melhores ‘antigamente’ ou ‘agora. Ambivalência em relação ao futuro: se é melhor manter o ‘mito do retorno’ ou traçar um novo projeto sem mais movimentos envolvidos. Ambivalência em relação à sociedade ‘anfitriã’: sentimentos de respeito, antipatia ou incerteza. Ambivalência em relação a práticas de comportamento: se é melhor apegar-se ao velho ou descartá-lo, se é melhor fazer compromissos por meio de eventos simbólicos enquanto se adere ao novo no cotidiano. (Onde não indicado de outro modo, as traduções são do autor deste artigo).

² Você já está usando essa palavra de novo? Eu tentei o máximo soar irônica, mas não deu certo. Sempre quando lia ou ouvia essa palavra, sentia a bílis subir. Pior que isso, só era o adjetivo *pós-migrante*. Sobretudo, eu odiava a discussões atreladas a isso, não somente na esfera pública, mas também entre mim e Elias. Nessas conversas nunca se dizia algo de novo, mas o tom era didático e veemente.

³ Ela também teve problemas como o novo sistema no começo: formada num conservatório soviético ela tinha parâmetros profissionais, aos quais não podia renunciar. Quando o pai de um de suas primeiras alunas, um sacerdote, se queixou junto a ela, porque a aula de música não estava proporcionando prazer a sua filha, fez o coração da minha mãe acelerar e suas mãos suar. Até então ela não sabia que prazer era a finalidade da arte. Sobretudo ela não tinha esperado isso de um sacerdote.

⁴ Para a Alemanha, meu pai não tinha serventia. Na sua Sibéria social, ele usava calças de corrida e regatas com textura, que em inglês se chamam de *wife beater*, o que, no entanto, não tinha nada a ver com ele. Papai tinha desistido, de um dia para o outro. Ele não fazia amizades com outras pessoas, quase não saía de casa, só às vezes, para ir comparar preços de combustível em postos de gasolina.

⁵ Eu acompanhei meus pais ao Departamento de Imigração e aprendi ali que línguas significam poder. Quem não fala alemão não tinha voz, e quem falava aos trancos e barrancos não recebia atenção. As solicitações eram aprovadas de acordo com o peso dos sotaques.

⁶ Nós falávamos alemão um com outro como dois estrangeiros exemplares, perfeitamente integrados.

Referências

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. *The Empire Writes Back. Theory and practice in post-colonial literatures*. London/New York: Routledge, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *Ökonomisches Kapital, kulturelles Kapital, soziales Kapital*. In: KRECKEL, Reinhard (Ed.). *Soziale Ungleichheiten*. Göttingen: Otto Schwartz, 1983. p. 183-198.

BRAH, Avtar. *Cartographies of Diaspora. Contesting Identities*. London/New York: Routledge, 1996.

ESSELBORN, Karl. *Der Adelbert-von-Chamisso-Preis und die Förderung der Migrationsliteratur*. Tübingen/Basel: Francke Verlag, 2004. p. 317-325.

GRJASNOWA, Olga. *Der Russe ist einer, der Birken liebt*. München: Carl Hanser Verlag, 2012.

SAID, Edward W. *Orientalism*. New York: Vintage Books, 1994.

WHITE, Paul. Geography, Literature and Migration. In: KING, Russell; CONNELL, John; WHITE, Paul (Org.). *Writing across worlds: literature and migration*. London/New York: Routledge, 1995. p. 1-19.

Para citar este artigo

MATHIAS, Dionei. “Wie zwei perfekt integrierte Vorzeigebürger”: figurações do estrangeiro, em Olga Grjasnowa. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 7, n. 1, p. 256-266, jan.-abr. 2018.

O autor

Dionei Mathias é doutor em Letras pela Universidade de Hamburgo (Alemanha) e pela UFPR. Professor de Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal de Santa Maria.